

**RE**ENCONTRO  
literatura

**Oscar Wilde**

# **O retrato de Dorian Gray**

*Tradução e adaptação em português de*

**Cláudia Lopes**

*Ilustrações de*

**Joubert José Lancha e  
Graciela Rodriguez**



editora scipione

*Gerente editorial*  
Sâmia Rios

*Editora*

Maria Cristina Carletti

*Assistentes editoriais*

Dulce S. Seabra

Andréa Cozzolino

*Preparadora*

Maria Luiza Favret

*Revisoras*

Eloiza Helena Rodrigues

Denise de Almeida

Nair Hitomi Kayo

*Coordenadora de arte*

Maria do Céu Pires Passuello

*Programador visual de capa e miolo*

Didier Dias de Moraes

*Diagramador*

Fábio Cavalcante

*Ilustração de capa*

Joubert José Lancha

*Ilustrações de miolo*

Graciela Rodriguez



**editora scipione**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente:  
(0xx11) 4003-3061

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)  
[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

---

2019

ISBN 978-85-262-4740-6 – AL

CL: 734822

CAE: 220251

5.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
19.<sup>a</sup> impressão

*Impressão e acabamento*

Traduzido e adaptado de *The picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde, editora Chancellor Press, Londres, 1986



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Wilde, Oscar, 1854-1900

O retrato de Dorian Gray / Oscar Wilde; adaptação em português de Cláudia Lopes. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro Literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Lopes, Cláudia. II. Título. III. Série.

97-3443

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura juvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

# SUMÁRIO

<i>Quem foi Oscar Wilde?</i> .....	4
Capítulo I .....	7
Capítulo II .....	13
Capítulo III .....	21
Capítulo IV .....	23
Capítulo V .....	30
Capítulo VI .....	35
Capítulo VII .....	38
Capítulo VIII .....	45
Capítulo IX .....	50
Capítulo X .....	53
Capítulo XI .....	58
Capítulo XII .....	62
Capítulo XIII .....	67
Capítulo XIV .....	71
Capítulo XV .....	76
Capítulo XVI .....	79
Capítulo XVII .....	83
Capítulo XVIII .....	84
Capítulo XIX .....	89
Capítulo XX .....	92
<i>Quem é Cláudia Ramos?</i> .....	96

## QUEM FOI OSCAR WILDE?

**P**aris, 30 de novembro de 1900 – morre solitário, pobre e quase esquecido Oscar Wilde, que tinha sido o escritor de maior destaque na cena literária britânica do fim do século XIX. Sua fama se devia a doses proporcionais de talento e escândalo. Pelo primeiro atributo, sobreviverá eternamente; pelo segundo, conheceu o inferno nos seus últimos anos de vida.

Nascido em Dublin, Irlanda, a 15 de outubro de 1856 (alguns estudiosos afirmam que a data correta seria 16 de outubro de 1854; outros apontam o ano de 1855), Oscar Fingall O'Flahertie Wills Wilde desde cedo se sobressaiu tanto pela inteligência quanto pelo temperamento difícil e anticonvencional. Tendo iniciado seus estudos em sua terra natal em 1865, distinguiu-se por seus sólidos conhecimentos da língua e da literatura grega clássica, que lhe valeriam alguns prêmios e colaborariam para que conseguisse uma bolsa de estudos, graças à qual se transferiria para Oxford em 1874.

Durante a vida acadêmica, continuou o mesmo implacável e agudo crítico de tudo e de todos que lhe parecessem medíocres, mas seu brilho, espírito e mordacidade tornavam seus ditos e sua conversação irresistíveis. Tornou-se o principal propagador do recém-surgido *Movimento Estético*, criado pela nova geração de intelectuais britânicos, com o fim de substituir o ranço, o mau gosto e o tradicionalismo das artes da época vitoriana por uma postura renovadora, corajosa e antiburguesa – não no sentido econômico, mas moral.

Ao cabo desse período de formação, durante o qual conquistou as mais elevadas distinções, publicou seus primeiros escritos (de inspiração clássica) e realizou suas primeiras viagens à Itália e à Grécia, fixando-se em Londres no ano de 1879. Tornou-se uma personalidade conhecida e muito comentada em toda a cidade, graças aos seus dotes já famosos e cada vez mais aguçados, e também à sua aparência: de elevada estatura, vestia-se de modo extravagante, com roupas e adereços que, segundo ele, refletiam seu interior. Causava um certo choque, um pouco de escândalo, mas era presença obrigatória em eventos sociais importantes, não obstante seu desprezo à hipocrisia dominante e sua coragem de conduzir sua vida pessoal como melhor lhe conviesse.

A produção intelectual de Wilde teve sequência com *Vera*, texto para teatro, e a publicação de seus *Poemas*. Em 1882 viajou pelos Estados Unidos, onde realizou uma série de palestras que alcançaram grande repercussão. No ano seguinte visitou Paris e travou conhecimento com grandes expoentes do mundo artístico francês, como os escritores Victor Hugo, Émile Zola e Stéphane Mallarmé, e os pintores Degas e Pissarro.

Em 1884 casou-se com Constance Lloyd, sua conterrânea, com a qual teria dois filhos; entretanto, os rumores sobre sua vida “irregular” já ganhavam corpo. Nos anos de 1887 e 1888 publicou, entre outros contos e novelas, “O Fantasma de Canterville” e *O príncipe feliz e outras histórias*, narrativas com tema e estrutura semelhantes aos dos contos de fadas, mas com uma carga de ironia, amargura e – não raro – humor cruel que as tornaram muito apreciadas sobretudo pelo público adulto.

Seu prestígio cresceria ainda mais nos anos seguintes, quando foram encenadas algumas de suas peças mais famosas, como *Salomé*, *O leque de Lady Windermere* e *Uma mulher sem importância*.

Entre muitos sucessos e alguns poucos fracassos, a tragédia pessoal eclodiu em 1895: foi julgado e condenado por manter uma ligação íntima com o jovem lorde Alfred Douglas. A mesma aristocracia que havia tolerado muitas de suas provocações agora encontrava uma forma legal de puni-lo, obrigando-o a dois anos de trabalhos forçados, declarando-o falido e ignorando seus escritos. Na prisão, escreveu duas pungentes obras: *A balada do cárcere de Reading* e *De profundis*.

Ao ser libertado, Wilde transfere-se para a França, onde passou a viver isolado, em hotéis baratos, destruindo-se lentamente através do absinto. Não voltaria a ver seus filhos, que trocaram de sobrenome, nem sua mulher, que morreria em 1899, um ano antes dele.

Hoje, sua produção é reconhecida e o estigma que a encobriu foi esquecido. Sua vida privada tem interesse apenas enquanto elucidadora de certos aspectos de sua obra; não a engrandece além dos seus méritos evidentes e, de modo algum, minimiza a sua importância.

*O retrato de Dorian Gray*, aqui traduzido e adaptado por Cláudia Lopes, é o único romance de Wilde e, sem dúvida, sua obra-prima, cuja publicação, em 1891, marcou seu período de maior criatividade.



# Capítulo I

– **D**orian Gray? É esse o nome dele? – perguntou Lorde Henry, atravessando o estúdio em direção a Basil Hallward.

– Sim – respondeu o artista, sentado a pequena distância do cavalete onde se apoiava a tela com o retrato de corpo inteiro de um jovem de extraordinária beleza. – Mas eu não tinha a intenção de dizê-lo a você.

– Por que não?

– Ah, não sei explicar. Mas passei a gostar de segredos. E quando gosto demais de uma pessoa, nunca digo o nome dela para ninguém. Sei que é um hábito bobo, mas parece tornar as coisas românticas, misteriosas. Você me considera terrivelmente tolo por causa disso, não?

– De jeito nenhum – respondeu Lorde Henry –, de jeito nenhum, meu querido Basil. Parece que você esqueceu que sou casado e que o único charme do casamento é tornar necessária uma vida de enganos a ambos os cônjuges. Nunca sei onde minha esposa está e ela nunca sabe o que estou fazendo. Quando nos encontramos, e nos encontramos de vez em quando, quando saímos para jantar juntos ou vamos à casa do duque, contamos um ao outro as histórias mais absurdas, com as caras mais sérias. Minha mulher é muito boa nisso, melhor do que eu: ela nunca se confunde, mas eu, sempre. Quando ela descobre minhas mentiras, apenas ri de mim.

– Odeio o jeito como você fala de sua vida de casado, Harry – disse Basil, caminhando em direção à porta que dava para o jardim. – Acredito que você seja um bom marido, mas tem vergonha de suas virtudes. Você é realmente uma pessoa extraordinária: nunca diz nada moralizante e nunca faz nada errado. O seu cinismo é só uma pose.

– Ser natural é simplesmente uma pose, e a mais irritante que conheço – respondeu Lorde Harry, rindo. E os dois jovens saíram para o jardim, sentando-se num banco de bambu.

Depois de uma pequena pausa, Lorde Henry olhou para seu relógio:

– Tenho de ir, Basil – murmurou –, e, antes que eu vá, insisto em que você responda à pergunta que lhe fiz no estúdio.

– Qual? – o pintor conservava os olhos fixos no chão.

– Ora, você sabe muito bem. Em todo caso, repito: quero que você explique por que não vai expor o retrato de Dorian Gray. Quero a verdadeira razão. É o seu melhor trabalho, é a melhor coisa que você já fez!

– Já lhe disse a verdadeira razão.

– Não, não disse. Você falou que era porque havia muito de você no quadro. Ora, isso é infantil. Não se elogie, Basil.

– Você não está me entendendo, Harry – respondeu o artista. – Claro que eu não me pareço com ele. Sei disso perfeitamente bem e, além do mais, me sentiria infeliz se fôssemos parecidos. Você ri? Estou lhe dizendo a verdade. Há uma fatalidade em toda distinção física e intelectual, uma espécie de fatalidade que parece perseguir, através da história, os passos dos reis. É melhor não ser diferente dos outros. Os feios e os estúpidos levam a melhor neste mundo. Podem sentar-se à vontade e assistir boquiabertos ao espetáculo. Se não conhecem nada da vitória, pelo menos são poupados do conhecimento da derrota. Vivem como todos deveriam viver, imperturbáveis, indiferentes, sem ansiedade. Nunca causam mal aos outros e nenhum mal lhes é causado pelos outros. Sua posição e fortuna, Harry; meu cérebro e minha arte, o que quer que ela valha; a beleza de Dorian... todos nós sofreremos pelo que os deuses nos deram, sofreremos terrivelmente.

Basil olhou diretamente para Lorde Henry e continuou:

– Harry, todo retrato pintado com sentimento é o retrato do artista, não do modelo. O modelo é simplesmente o acidente, a ocasião. Não é ele que é revelado pelo pintor, mas sim o pintor que se revela na tela. A razão pela qual não exporei este quadro é que receio ter mostrado nele o segredo de minha própria alma.

Lorde Henry riu, perguntando qual seria esse segredo.

– A história é simplesmente esta: dois meses atrás fui a uma recepção na casa de Lady Brandon. Você sabe que nós, artistas, temos de nos mostrar para a sociedade de vez em quando, somente para lembrar ao público que não somos selvagens. Bem, depois de uns dez minutos conversando com viúvas ricas e acadêmicos entediados, percebi que alguém estava olhando para mim. Virei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, senti que estava ficando pálido. Uma sensação de pavor dominou-me. Sabia que estava frente a frente com alguém cuja personalidade era tão fascinante que, se eu permitisse, iria absorver minha natureza inteira, minha alma, minha própria arte. Eu não queria que nada exterior influenciasse minha vida. Sempre fui independente, sempre fui meu próprio senhor. Pelo menos, tinha sido assim, até que encontrei Dorian Gray. Naquele momento, não sei como explicar, senti que estava à beira de uma terrível crise em minha vida. Tive um estranho sentimento de que o destino havia guardado para mim alegrias e tristezas intensas. Fiquei com medo e virei-me para deixar a sala. Tentei escapar por covardia ou, quem sabe, por orgulho. Quando alcancei a porta, encontrei Lady Brandon. Ela começou a me apresentar a uma porção de pessoas, até que aquele jovem que tanto havia me perturbado se aproximou. Lady Brandon apresentou-nos. Era inevitável, iríamos nos falar mesmo que não tivéssemos sido apresentados. Dorian disse-me depois que ele também havia sentido que estávamos predestinados a nos conhecer. Lady Brandon disse qualquer coisa como “rapaz encantador, estou esquecendo o que ele faz, acho que não faz nada – ah, sim, toca piano – ou será violino, caro Sr. Gray?”. Nenhum de nós dois conseguiu evitar dar risada e nos tornamos amigos imediatamente.

– A risada não é um mau começo para uma amizade e é, de longe, o melhor fim – disse o jovem lorde, colhendo uma margarida.

– Você não entende nada sobre amizade – disse Basil, balançando a cabeça – e nem mesmo sobre inimizade, Harry. Você gosta de todo mundo; portanto, é indiferente a todos.